

# A CRISE EUROPEIA

## o período europeístico

por ABEL SALAZAR

### A dissolução mística do pensamento

Em todos os períodos de decadência se verifica um fenómeno que me parece capital e sobre o qual tenho insistido: a *dissolução mística do pensamento*.

Tal facto é particularmente nítido na decadência da Grécia. A forte personalidade intelectual da civilização helénica, a sua originalidade, a sua individualidade dão particular realce ao fenómeno. O contraste do período áureo com o período da decadência é assim posto em forte claro-escuro.

Toda a filosofia grega, no fim do período áureo, se dissolve progressivamente na mística. Toda a história da filosofia grega é uma documentação deste facto. De Parménides a Aristóteles a filosofia grega é uma coisa; a partir de Aristóteles coisa totalmente diversa. Os ecos degenerados do pensamento áureo dissolvem-se gradualmente na mística da decadência.

Este fenómeno conjuga-se com a infiltração exótica a que já nos referimos, infiltração determinada pela decomposição do sistema histórico, e pelo afrouxamento da sua coesão.

A decadência acompanha-se de uma decomposição da personalidade mental, que é devida a múltiplos factores:— todos os factores característicos da decadência de um sistema histórico concorrem para este efeito.

A personalidade mental apaga-se como um desenho esfumado com borracha; e as influências exóticas incidem sobre este desenho esfumado deformando-o, modelando-o, retocando-o, sobrepondo-se-lhe, complicando-o, até ao ponto de o tornar irreconhecível.

Plotino é já mais oriental que helénico, e Proclus um místico teúrgico: por fim a filosofia helénica termina na magia e na teosofia.

•

Ao mesmo tempo o pensamento empiro-lógico separa-se do sistema histórico, desarticula-se do complexo, como já vimos: e o pensamento psicológico, em todas as suas formas, mística, literária, metafísica, desenvolve-se livre, numa hipertrofia monstruosa, que conduz o ambiente intelectual ao caos. E' a anarquia intelectual; os sistemas, as

fim, num formalismo vazio, doutrinas, pululam, subdividem-se, chocam-se, interferem, confundem-se, reproduzem-se, e esterilizam-se por num dogmatismo cego, numa confusão inextricável, que gera por seu turno o cepticismo e o nihilismo intelectual. Toda a espécie de resíduos e detritos filosóficos e místicos das velhas religiões interferem, se fundem, se justapõem na grande anarquia sincrética que é a filosofia helenística. E tudo se esteriliza neste caos, porque tudo se neutraliza.

Este quadro, que poderíamos desenvolver largamente alimentando-o com a história da filosofia grega nos seus últimos períodos começa agora a reproduzir-se na actual Europa.

*Dissolução mística do pensamento; hegemonia do pensamento psicológico; anarquia intelectual e caos metafísico— com o divórcio do pensamento positivo que segue isolado o seu caminho:*—tais são as grandes linhas do quadro intelectual da Europa de hoje. O movimento está apenas em início:—mas a sua progressão acentua-se, e não fará senão definir-se com a entrada da Europa no período europeístico.

Este problema será estudado com mais detalhe noutro trabalho:—por agora quise-mos apenas indicá-lo a largos traços, integrando-o no quadro geral da crise europeia.

Com efeito, esta dissolução mística do pensamento tem uma significação análoga à de outros sintomas do período europeístico. Representa uma decomposição intelectual, uma desagregação mental que faz parte da decomposição geral do sistema histórico em decadência. Corresponde nitidamente ao estado geral da arte e da literatura, e é um exponencial típico do estado de espirito colectivo, quer intelectual quer emocional.

Seria do maior interesse pôr em confronto e paralelo o caos e a anarquia intelectual de hoje com a que se verifica na Grécia em período análogo, e ainda com a que se verifica na Crise Osiriaca do velho Egipto.

Não podendo por falta de espaço e porque seria sair fora dos limites deste rápido esquisso, desenvolver aqui este estudo comparado, limitar-me-ei a apresentar ao leitor alguns trechos da literatura osiriaca porque me parecem extremamente sugestivos.

### A infiltração dos complexos históricos

Durante um certo período da sua vida cada sistema histórico contrai-se, concentra as suas forças; depois expande-se, numa superfície maior ou menor: colonização grega, alexandrismo, helenização do Oriente e do Ocidente, quanto à Grécia; Império Romano, quanto a Roma.

Esta expansão traz como consequência, no período de decadência, por contra-golpe, a infiltração intelectual, moral e emotiva, e ainda material, do sistema em declínio.

Um fluxo e refluxo se estabelece entre o sistema histórico considerado e os sistemas secundários exteriores que elle domina.

Enfraquecido o sistema dominante, este é sujeito progressivamente à infiltração de elementos de toda a ordem oriundos dos sistemas dominados. E' o que nitidamente se verifica quanto à Grécia e a Roma.

Esta influência é corrosiva para o Complexo; desagrega-o, dissolve-o, contamina-o de elementos que lhe são contrários, transforma-o no oposto de si próprio.

O caso grego é típico. A partir do período áureo a Grécia perde a pouco e pouco a sua personalidade.

A arte, a filosofia, deixam-se influenciar pelas místicas, pelo sensualismo e pelo ocultismo oriental. O civismo grego dissolve-se em orientalismo, e os tipos políticos orientais invadem o ambiente helénico. Todo o sistema histórico da Grécia se deixa invadir por elementos vindos da A'sia Menor, da Mesopotâmia, da Pérsia, do Egipto; todos os detritos das velhas civilizações asiáticas penetram no sistema grego, deformam-no, decompõem-no: por tal forma que, a partir de um certo momento a filosofia grega já nada se parece com o pensamento do período áureo, invadida pelo misticismo, pelo ocultismo, pela magia, pelo teosofismo; e a religião grega esfuma-se, sob formas mais definidas vindas do Oriente. Plotino, e os filósofos da decadência já nada têm de helénico; são híbridos onde os ecos da filosofia helénica se combinam com as hipertrofias místicas, emotivas, sensuais, mágicas e teosóficas vindas de todos os pontos da A'sia. A arte perde o equilíbrio grego, convulsiona-se, dramatiza-se, faz-se barrôca e rócócó. A paixão e

a violência, ou o amaneiramento, o sensualismo passam a dominá-la. Por tal forma que a partir de um certo momento, no período helenístico não sabemos já onde finda a Grécia e começa o Oriente.

O mesmo sucede em Roma, durante a decadência. A velha religião romana e a cultura greco-latina corrompidas, degeneram, e tudo é invadido pelos detritos das civilizações orientais. Até que, num dado momento, esta influência oriental, sob a forma de cristianismo, masdekismo, etc., absorve por completo a emotividade e o pensamento exausto de Roma agonizante.

Roma, politicamente, parte da Cité, e termina, sob a influência do Oriente e do Egipto, nos quadros de um império oriental imitado, no conjunto e nos detalhes, dos velhos déspotas orientais; os imperadores findam por adoptar os diademas, as vestes, e o ritual dos potentados da Babilónia e da Pérsia, e o cenário teatral dos Faraós.

Infiltração de Ideias, de costumes, de Símbolos, faz do sistema histórico em decomposição um magma heterogéneo onde todos os detritos de civilizações envelhecidas ou desaparecidas se combinam com elementos bárbaros, semi-selvagens:—e assim, numa decomposição lenta tudo se combina como num cadinho.

Tais fenómenos são hoje visíveis na Europa. Embora em grau não ainda tão acentuado, verifica-se nas artes, na literatura, na música, na política, na religião, uma nítida infiltração de elementos exóticos: orientais, africanos, insulares, vindos de todas as partes do mundo. A infiltração exótica nas artes é por demais visível.

Jazz-band, manipancismo, tahitismo, japonismo, aparecem por todas as partes, nas artes europeias; e ainda ultimamente, na escultura, sobretudo no baixo-relievo, surgiu a influência bem definida da arte Khmer, como se pode verificar nos baixos-relevos do novo Trocadero.

Na literatura, na metafísica, precisamente a mesma coisa. E em Paris, os meios cultos e aristocráticos, os meios intelectuais deliram com o orientalismo, o faquirismo, o ocultismo e o hermetismo. E' uma febre, por vezes um delírio. Sessões espíritas, sessões egip-

(Continua na página imediata)